

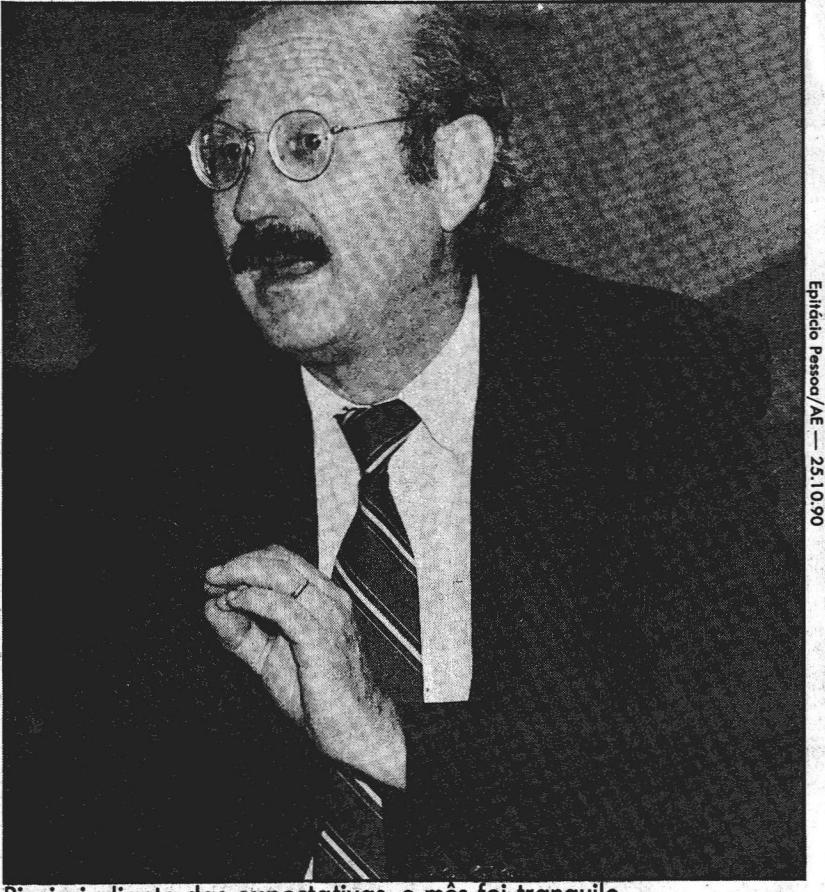
Setembro dribla as previsões sombrias

FÁBIO PAHIM JR.

O *setembro negro*, cantado em prosa e verso no início do mês, acabou adiado. "Face às expectativas, o mês foi tranquilo", afirma o professor Juarez Rizzieri, coordenador do índice de preços ao consumidor da Fipe-USP. "Tão significativo quanto os eventos econômicos foi o fato de o presidente Collor ter deixado de descer a rampa do Planalto e se refugiado em casa", observa o economista Carlos Longo, especialista em tributos. "Nem a queda da atividade econômica chegou a caracterizar um desastre, embora tivesse ocorrido a interrupção da retomada verificada desde abril", enfatiza Edy Luiz Kogut, doutor por Chicago e envolvido no processo de privatização da Copesul.

No início do mês, as principais previsões de catástrofe iminente decorriam dos seguintes fatores:

- liberação de US\$ 2 bilhões em cruzados novos;
- possibilidade de avanço incontrolável dos preços ante a



Rizzieri: diante das expectativas, o mês foi tranquilo.

iminência de um novo choque econômico;

- recessão aguda face ao avanço substancial dos juros desde agosto;
- deterioração mais rápida da balança comercial face aos prejuízos agrícolas;
- impossibilidade de um acordo com o Fundo Monetário Internacionaldada a dificuldade das contas públicas.

Usiminas

Mesmo a frustração do leilão de privatização da Usiminas não foi vista como uma tragédia. "Foi só um percalço", nota Longo. "A privatização só não saiu por causa das moedas — já que ficaram na mesma sacola títulos da Siderbrás e cruzados novos. Faltou jogo de cintura para o BNDES. O processo de privatização é normalmente tumultuado, e por isso foi até bom ter uma amostra do que virá. Mas a venda das estatais é essencial para a estabilização."

A avaliação do mês de setembro mostra:

1. **Inflação** — "Deverá alcançar 16% e o problema mais agudo fica para outubro. As pressões virão do transporte urbano em São Paulo, que pesa 3,2% no índice, da carne e vestuário — outubro é o mês do pico nesses itens. Os alugueis já vêm sendo corrigidos", diz Rizzieri, admitindo cerca de 18% para o mês que vem. "A Taxa Referencial (TR) já está sinalizando por aí e isto ajuda a segurar os US\$ 2 bilhões mensais que vão sendo liberados", lembra Rizzieri. "A inflação não foi um desastre mas preocupa", diz Kogut.

2. **Política monetária** — Com a política de juros altos, o governo está tentando aumentar a colocação de papéis. "Não houve desastre com o descongelamento dos cruzados", afirma Kogut.

3. **Atividade econômica** — O comércio está vendendo menos, porém não ocorreu a quebra abrupta prevista. O pior é que as vendas estão correspondendo à diminuição dos estoques, segundo Kogut. "Não se sabe qual será o comportamento da demanda a partir de agora, e se

a indústria conseguirá ajustar-se rapidamente. Por enquanto, há somente alguns casos de férias coletivas". (Na semana passada, foi anunciada a paralisação por 15 da produção da Brastemp).

4. **Situação cambial** — O saldo comercial está caindo acentuadamente com o aumento das importações e o País teria perdido US\$ 1 bilhão em reservas cambiais, mas o governo ainda evita acelerar as desvalorizações do cruzeiro para não gerar mais inflação. Todo o esforço centra-se num acordo com o Fundo Monetário para ser anunciado na reunião do Banco Mundial-FMI em Bangkok, Tailândia, no mês que vem. "Isso é factível", acredita Kogut, salvo a ocorrência de fatos imprevistos.

5. **Déficit** — Para o acordo com o Fundo Monetário, é essencial um aumento de tributos imediato, de forma a obter equilíbrio — a expectativa é de um déficit de 2,4% do PIB no conceito operacional (déficit da União, Estados e municípios, inclusive juros, salvo as correções cambial e monetária).